O nível de emprego formal voltou a crescer em abril, segundo os dados mais recentes do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho. A notícia merece ser comemorada, pois já fazia nove meses que o número de desligados na economia como um todo superava o de admitidos. Ao longo deste período, perderam-se 774.000 empregos formais, ou seja, cerca de 30% a mais dos que haviam sido criados entre o início de 1993 e meados do ano passado, quando a economia estava aquecida. Registrou-se, em contrapartida, um aumento tanto do desemprego quanto da informalidade. Não obstante, a renda real média continuou crescendo até o primeiro trimestre deste ano, quando experimentou uma primeira - e não muito significativa - inflexão.

Embora razoavelmente generalizado, no entanto, o fenômeno atingiu de forma bastante diferenciada as diferentes regiões metropolitanas para as quais estão disponíveis os dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE e a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) da Fundação SEADE e do DIEESE. São Paulo e Porto Alegre foram as duas em que o desemprego mais se agravou (atingindo níveis comparáveis apenas aos registrados na recessão do começo dos anos 80), apesar de terem também registrado fortes aumentos das participações de empregados sem carteira assinada e de trabalhadores por conta-própria na ocupação total e uma evolução relativamente modesta de seus rendimentos reais médios. A situação é completamente distinta, por exemplo, no Rio de Janeiro, onde o desemprego aumentou mas continua inferior ao verificado na primeira metade desta década, o crescimento da informalidade foi moderado e o aumento da renda real média, entre o primeiro trimestre de 1995 e o de 1996 foi de quase 20%. Ou em Salvador, em que apesar de um forte aumento da PEA a taxa de desemprego praticamente tem se mantido inalterada e a participação dos empregados sem carteira assinada na ocupação total tem diminuído.

O fato do aumento do desemprego ter sido particularmente intenso em São Paulo se explica pelo fato deste fenômeno estar afetando sobretudo os trabalhadores egressos da indústria de transformação. O ritmo em que este setor tem desempregado, contudo, se mostrou decrescente no primeiro trimestre deste ano em relação à segunda metade do ano passado. Uma análise mais detalhada da movimentação de mão-de-obra na indústria revela, ainda, uma importante novidade: ao contrário do que vinha ocorrendo até o ano passado -malgrado a magnitude que a restruturação produtiva já havia alcançado - está se verificando, nos últimos meses, uma substituição acelerada de trabalhadores pouco qualificados por muito qualificados. Não deixa de ser um efeito esperado das transformações em curso, mas ele estava demorando a se confirmar.

Outra característica que chama a atenção do aumento recente do desemprego é a de que ele se mostrou muito mais importante para as mulheres que para os homens, embora o emprego formal tenha se reduzido consideravelmente mais para estes últimos. Dado que a participação das mulheres da PEA se manteve grosso modo constante, isto sugere que os homens estão, de alguma forma, "expulsando" as mulheres de alguns segmentos do mercado de trabalho informal.

O desaquecimento da economia, enfim, resultou ser o principal responsável pela perda de dinamismo dos rendimentos reais no primeiro trimestre deste ano; os segmentos que mais sofreram com isto, de fato, foram os informais, onde os contratos são mais flexíveis e a renda, conseqüentemente, mais sensível às oscilações da demanda agregada. É de se esperar, portanto, que - se as expectativas de retomada para os próximos meses forem confirmadas - isto possa se reverter.